Correio da Manhã

#cm2

QUARTA-FEIRA



Bob Sousa/Divulgação

O ASTROLÁBIO LIMA BARRETO

Sidney Santiago Kuanza **estreia o solo 'A Solidão do Feio'** no Sesc Copacabana e **evoca a obra do escritor para denunciar as estruturas de segregação e a hipocrisia social no Brasil.** Em entrevista ao Correio, o ator fala sobre seus 20 anos de carreira, **o combate ao racismo e este projeto que investiga masculinidades e negritudes.** Página 3

Ariel Santos/Divulgação



Raphael Elias é Djavan no espetáculo 'Djavan - Musical: Vidas Pra Contar'

Vidas para contar **(e cantar)**

Com oito indicações ao Prêmio Bibi Ferreira e o filho do cantor na direção musical, 'Djavan – O Musical: Vidas pra Contar' estreia nova temporada carioca no Teatro Claro Mais

A vida de um dos maiores nomes da nossa canção popular cabe em duas horas de palco. Essa é a proposta de "Djavan – O Musical: Vidas pra Contar", que estreia nova temporada carioca nesta quinta-feira (12), no Teatro Claro Mais, em Copacabana. A montagem reencontra o Rio no ano em que o cantor e compositor alagoano completa cinco décadas de carreira.

Idealizado por Gustavo Nunes, com direção artística de João Fonseca e texto de Patrícia Andrade e Rodrigo França, o musical percorre a trajetória do compositor desde a infância em Maceió até a consolidação como um dos autores centrais da canção brasileira. A dramaturgia faz do cancioneiro do artista o fio condutor da narrativa, e a pesquisa se apoiou em entrevistas com o próprio biografado, complementadas por João Viana — filho de Djavan e diretor musical do espetáculo ao lado de Fernando Nunes.

"A vasta obra de Djavan, um dos maiores gênios da música brasileira de todos os tempos, merece ser contada nos palcos, não só por sua poesia e musicalidade, como também por servir de inspiração como sinônimo de perseverança e determinação", diz Gustavo Nunes. "Nosso musical bebe dessa fonte pra trazer ao público um espetáculo pulsante, cheio de brasilidade e emoção."

O papel-título é de Raphael Elias, ator de Divinópolis (MG) escolhido entre mais de 250 candidatos, alternado com Eduardo Louzada — que assume as sessões de sábado às 16h. Elias conta que teve receio de se inscrever nos testes e que a aproximação do personagem passou pelo ouvido: "O trabalho mesmo foi o de ouvir os discos dele", resume, referindo-se à nasalidade do sotaque nordestino que buscou reproduzir.

> *"A vasta obra de Djavan, um dos maiores gênios da música brasileira de todos os tempos, merece ser contada nos palcos, não só por sua poesia e musicalidade, como também por servir de inspiração como sinônimo de perseverança e determinação"*
>
> **GUSTAVO NUNES**

E a aprovação veio. Segundo o ator, Djavan disse em entrevistas que gostou do que viu e chegou a sentir estranhamento nos momentos em que o achou muito parecido. O cantor acompanhou a montagem de perto.

Ao redor do protagonista, o elenco se desdobra em múltiplos papéis. Marcela Rodrigues é Dona Virgínia, mãe do cantor; Mariana Sancar vive Djanira, a irmã; Alexandre Mitre é Djacir, o irmão mais velho; Eline Porto interpreta Aparecida, primeira esposa e mãe de três dos filhos de Djavan.

Os encontros decisivos da música brasileira também passam pela cena: Millena Mêndonça é Alcione, Lígia Bié é Gal Costa, Aline Deluna é Maria Bethânia, Gab Lara é Chico Buarque e João Araújo, Tom Karabachian é Caetano Veloso. Milton Filho encarna Elegbára, entidade que atravessa a narrativa e puxa o fio da religiosidade que marca a vida e a obra do homenageado.

O repertório reúne "Oceano", "Um amor puro", "Meu bem querer", "Correnteza" e "Luanda", entre clássicos e faixas menos conhecidas, do samba ao jazz, do pop aos ritmos afro-brasileiros — incluída "Flor de Lis", de 1976, um dos primeiros êxitos autorais.

O musical disputa oito categorias do Prêmio Bibi Ferreira, entre elas melhor musical brasileiro, melhor ator e revelação — Raphael Elias indicado duas vezes —, atriz coadjuvante, com Eline Porto, e direção musical; concorre ao Prêmio Shell de Teatro pela cenografia de André Cortez e ao APTR, nas categorias melhor produção e ator coadjuvante, com Milton Filho; e já levou o Prêmio Arcanjo de Cultura de teatro musical brasileiro.

Com quase 30 álbuns lançados, a obra de Djavan permanece viva na nossa memória. Mas o musical não pretende apresentar uma sucessão de hits, e sim usar as canções para revelar o homem por trás delas.

SERVIÇO

DJAVAN – O MUSICAL: VIDAS PRA CONTAR

Teatro Claro Mais (Rua Siqueira Campos, 143, loja 58, Copacabana)

De 12/11 a 20/12, quintas e sextas (20h), sábados (16h e 20h) e domingos (18h).

Ingressos: R$ 50 e R$ 25 (meia)

ENTREVISTA | **SIDNEY SANTIAGO KUANZA**

ATOR

‘Lima Barreto é um escritor-bússola para negros em diáspora’

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Bob Sousa/Divulgação



O ator Sidney Santiago Kuanza em ‘A Solidão do Feio’

> *“Entendo que, se este país não é justo, nosso trabalho é cavar estratégias para encontrar a justiça. Encontrei isso em Lima”*

Numa época em que sua assinatura ainda não carregava o Kuanza (indício de orgulho ancestral na briga com soluços coloniais), há 20 anos cravados, Sidney Santiago empatou com um Selton Mello então já gigante na disputa pelo troféu Redentor do Festival do Rio. Ganhou a láurea Melhor Interpretação com o belíssimo “Os 12 Trabalhos” (2006), de Ricardo Elias, enquanto seu colega, o eterno Chicó, venceu com “O Cheiro do Ralo”.

De lá para cá, Sidney brilhou em novelas (“Caminho das Índias”) e séries (“Queridos Amigos”). Também reluziu na luta contra intolerâncias, no papel do pugilista queer do curta “Diamante, O Bailarina” (2017), sem jamais se descuidar dos vetores racistas que invisibilizam populações pretas no país. Cansado deles, o astro, ligado há 21 anos à Cia. dos Crespos, evoca uma das mais potentes entidades de nossa literatura, Lima Barreto (1881-1922), para combater imposturas de segregação a partir do palco do Sesc Copacabana.

É lá que ele vai, a partir desta quinta-feira (12), com “A Solidão do Feio”, solo concebido e escrito por ele. A direção é compartilhada com Gabi Costa. Com o autor dos seminais “Recordações do Escrivão Isaías Caminha” (1909) e “Triste Fim de Policarpo Quaresma” (1915) em mãos, Sidney faz para si um novo caminho, tendo Lima como astrolábio para pensar a hipocrisia social em nossas estruturas de poder.

Falar de Lima no Brasil pós eleições significa devolver ao Presente a voz de um homem que jamais abriu mão de suas convicções, mesmo diante do isolamento e das adversidades. Nesta conversa, Sidney explica como essa jornada espelha suas constantes batalhas.

Que simbolismo Lima Barreto te confia?

SIDNEY SANTIAGO KUANZA — Quando eu tinha 12 anos, entrei no movimento negro, e um dos primeiros autores a que fui apresentado foi Lima Barreto. Sou da geração que lia através de bibliotecas pública. Quando passei a ler sua obra, Lima ainda não era considerado pelo cânone literário como um homem negro. Era apresentado como uma pessoa mestiça e, nesse processo, sua negritude acabava sendo retirada. Muitos anos depois, entrei na universidade, fiz um curso de Sociologia e Política e desenvolvi um trabalho relacionando Lima Barreto a Gaston Bachelard. Zerei nessa atividade pois a professora não creditava Lima como homem preto. Mais adiante, realizei outro projeto com a Cibele Forjaz, uma grande encenadora de São Paulo, e descobri o conto “Apologética do Feio”. Depois, fui interpretar Lima no cinema. Fiz Lima Barreto ao Terceiro Dia, do Luiz Antônio Pilar. Tudo isso para dizer que ele é uma dessas vozes brasileiras insubmissas. A cada dia descobrimos um pouco mais da genialidade desse homem, que foi muito sufocado pelo Brasil. Lima Barreto é um escritor-bússola para negros em diáspora.

O que fez de Lima Barreto um trilho para uma prosa moderna no Brasil?

Sua forma de conseguir tirar do futuro uma ideia de justiça. Lima tem uma dimensão muito particular: consegue falar daquilo que temos de mais positivo, das nossas virtudes, mas também dos nossos defeitos. E, mesmo quando apresenta uma visão pessimista, não abandona a esperança. Gosto muito da maneira como ele trabalha a primeira pessoa. Acho ainda genial a sua maestria em criar personagens que funcionam como espelhos da nossa própria sociedade. A forma de ele desenhar Policarpo Quaresma... É impressionante como conseguimos olhar para aquele personagem e reconhecer questões do Brasil de hoje.

O que seria essa capacidade de “tirar do futuro uma ideia de justiça”?

Entendo que, se este país não é justo, nosso trabalho é cavar estratégias para encontrar a justiça. Encontrei isso em muitos contos de Lima, nos olhares dos personagens e nos diálogos que ele constrói. É quase uma convocação ao leitor e, ao mesmo tempo, ao cidadão. Pensar o futuro exige engajamento, exige busca. Não se trata apenas de sonhar ou de ter esperança, mas de trabalhar para que essa esperança possa existir. Gosto muito dessa ideia de esperançar, porque ela nos coloca diante de uma responsabilidade.

Teu espetáculo integra a trilogia “Masculinidades e Negritudes”, na qual você fez Madame Satã. Agora tem Lima Barreto e o próximo será o poeta Cruz e Souza. O que os une?

A Cia. Os Crespos, da qual faço parte, tem 21 anos e trabalha espetáculos que permanecem em repertório. Fiz esse trabalho sobre Madame Satã ap longo de oito anos e ele circulou por cerca de 200 cidades. Estou pesquisando Cruz e Souza em Santa Catarina agora. São figuras bem diferentes, mas que nos permitem pensar a existência de homens negros que tiveram uma importância enorme na vida cultural e política do Brasil. São trajetórias que ajudam a compreender o país. São pessoas enfrentaram as estruturas sociais de seu tempo.

De que maneira nasceu a carreira que começou a se consolidar sob a direção artística de Hector Babenco, na série “Carandiru e Outras Histórias”, e ganhou vulto com o Redentor dado a você com “12 Trabalhos”?

A gente vive num país no qual trabalhar com senso crítico, com dignidade, na construção de uma carreira de ator ou de atriz cobra um preço. Ainda se premia muito a mediocridade por aqui. Costumo dizer que sou um operário da arte. Nasci na colônia de pescadores chamada Berço dos Peixes, na praia do Perequê. Nasci num contexto muito difícil, de pobreza no Brasil e de transição para a democracia. O que me alimentou para ser artista foi o circo. Era a única manifestação artística que chegava à minha colônia. Ali eu via dança, teatro, mágica e até atletismo, por causa dos trapezistas. Foram essas artes que começaram a formar meu pensamento crítico e minha vontade de estar no mundo.

Você está finalizando seu primeiro longa-metragem como diretor. Que filme é esse?

Agora em 2026, fiz um filme muito bonito chamado “Corações Solitários”, da Caru Alves de Souza. Conquistei também um edital da Spcine para finalizar meu primeiro longa como diretor, Negror em Paisagens, um documentário sobre o genocídio da juventude negra no Brasil. Estou finalizando essa produção.

SERVIÇO

A SOLIDÃO DO FEIO
Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
De 12/11 a 6/12, quintas e sextas (20h30), sábados e domingos (19h). Ingressos: R$ 40 e R$ 20

O Grammy que fala português

Conheça os artistas, produtores e técnicos brasileiros indicados ao Grammy Latino cujos vencedores serão conhecidos nesta quinta (12 em Las Vegas

Divulgação - Festival Sesc de Inverno



Marina Sena

Divulgação



Anitta

AFFONSO NUNES
Especial para o Correio da Manhã

Mais importante cerimônia da música latina, o Grammy Latino 2026 anuncia seus vencedores nesta quinta-feira (12), no MGM Grand Garden Arena, em Las Vegas (EUA), com transmissão ao vivo pela Univision. E o Brasil chega à véspera da festa com uma das maiores delegações de sua história na premiação: mais de 70 indicados entre artistas, técnicos e produtores espalhados pelas 60 categorias — vai de Anitta a Hermeto Pascoal, do sertanejo ao jazz.

O período de elegibilidade, que abrange gravações lançadas entre 1º de junho de 2025 e 31 de maio de 2026, reuniu numa mesma lista gerações que raramente se encontram. O dado mais revelador, porém, está nas categorias de língua portuguesa: em cinco delas, os cinco indicados são todos brasileiros.

Nas quatro categorias principais, o país tem um representante em cada. Anitta é a única brasileira na disputa pelo Álbum do Ano, com "Equilibrivm", lançado em abril e marcado por referências religiosas — e os créditos oficiais guardam uma curiosidade: a autoria das canções é dividida com Carolina Marcilio, Jenni Mosello e Cinthya Ribeiro, a mesma Mosello que concorre, em separado, ao prêmio de Compositor do Ano.

Loulu Gilberto, filha caçula de João Gilberto (1931-2019), aos 22 anos, disputa a Gravação do Ano com "O Amor nos encontrou", faixa de seu álbum de estreia, produzida por Mário Adnet e Cézar Mendes — o mesmo violonista que acaba de lançar "Itapuano", disco em que Caetano Veloso, Chico Buarque e Marisa Monte emprestam as vozes.

E a cantora e compositora carioca Zanna - mais conhecida como a voz oficial que se ouve nos vagões e stações do Metrô Rio - é a única nacional entre as dez canções do Ano, com "Nilo".

Na categoria Melhor Artista Revelação, três dos onze indicados são brasileiros: Loulu Gilberto, Dora Sanches e Zeca Veloso, filho de Caetano. Zeca, aliás, aparece duas vezes na lista: além da Revelação, concorre pela equipe de engenharia de gravação de seu álbum "Boas novas" — e uma de suas faixas, "Salvador", gravada com o pai, Moreno e Tom Veloso, está entre os trabalhos que levam Julio Raposo à indicação de Produtor do Ano.

O domínio nacional, porém, é nas categorias de língua portuguesa. Em pop contemporâneo, disputam Anitta, Ludom, Luedji Luna, Jenni Mosello e Marina Sena. No rock e na alternativa, Black Pantera, Chico Chico, Detonautas, Foto em Grupo e Urias. Na música urbana, Emicida, Don L, AJulliacosta, Budah e Matuto S.A.

No samba/pagode, Leci Brandão, Teresa Cristina, Xande de Pilares, Ferrugem e Mosquito. No sertanejo, Ana Castela, Simone Mendes, Lauana Prado, Luan Santana e Traia Véia. Nas raízes, quatro brasileiros — João Gomes, Mestrinho e Jota.pê com o "Dominguinho vol. 2", Juliana Linhares, Psirico e Zaynara — dividem a lista com a fadista portuguesa Carminho. Na MPB/música afro-portuguesa, os brasileiros Criolo e Amaro Freitas dividem o álbum "Criolo, Amaro e Dino" com o português Dino d'Santiago, e concorrem com Pedro Emílio, Bia Ferreira, Zé Ibarra e Lenine.

Na Melhor Canção em Língua Portuguesa, quatro das cinco candidatas têm brasileiros: Urias, Marisa Monte, Johnny Hooker com Ney Matogrosso e a parceria de Criolo e Amaro Freitas com Dino d'Santiago. A exceção é "Memória", da espanhola Rosalía com a fadista portuguesa Carminho — canção escrita por ela e cantada em português, sem brasileiros envolvidos.

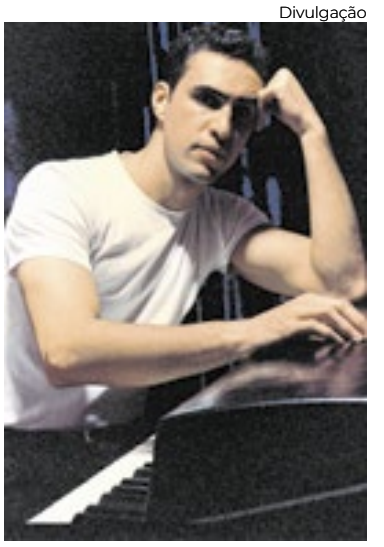
Os veteranos ocupam seus lugares. Djavan concorre a Cantor-Compositor com "Improviso", ao lado de Jorge Drexler, Silvana Estrada e Mon Laferte; Lenine disputa a MPB com "Eita"; Leci Brandão celebra meio século de carreira em disco indicado. Hermeto Pascoal, morto em setembro de 2025, é homenageado no álbum instrumental coletivo "Obra viva de Hermeto Pascoal — vol. 1: flautas".

Virtuose do violão, o gaúcho Yamandú Costa entra duas vezes na lista: no instrumental, com "Peregrino", gravado com o duo colombiano Hermanos Saboya, e no folclórico, com "La quinta esencia", ao lado do violinista Alexis Cárdenas e do Ensemble Recoveco. Hamilton de Holanda completa o instrumental



Djavan

Divulgação



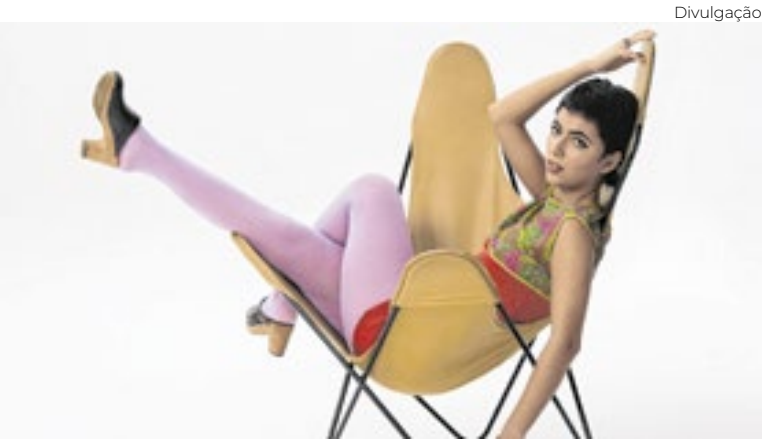
Zeca Veloso

Divulgação



Zanna

Divulgação



Loulu Gilberto

Divulgação/Taís Valença



João Gomes, Jota.pê e Mestrinho

Divulgação



Criolo, Dino Santiago (Portugal) e Amaro Freitas

Zabenzi/Divulgação



Chico Chico

Malu Freire/Divulgação



Lenine

com "Nova", e Lívia Mattos representa o jazz com "Verve".

A lista também mostra a música brasileira vazando de suas fronteiras estéticas. Luísa Sonza aparece longe do pop nacional, na interpretação de reggaeton com a mexicana Sofía Reyes, em "Uñas afiladas". BK' e L7nnon concorrem nos vídeos musicais, respectivamente nas versões curta e longa. E a trilha de "O Agente Secreto", assinada pelos irmãos Mateus Alves e Tomaz Alves Souza, disputa a categoria de mídias visuais. J

enni Mosello, duplamente indicada, ainda aparece entre os candidatos a Compositor do Ano. E o Produtor do Ano, Julio Raposo, chega a Las Vegas com um currículo que atravessa a própria lista: produziu "Caminhador", de Anitta, "Canto Djavan", de Slap, "Força da juventude", de Os Garotin, e "Troco likes 10 anos", de Tiago Iorc, além da já citada "Salvador".

O palco também será brasileiro. Anitta e Marina Sena se apresentam na Premiere, cerimônia preliminar transmitida a partir das 17h, horário de Brasília, pelas plataformas da Academia Latina; Daniela Mercury comanda o pré-evento ao lado de Lila Downs e Niña Pastori; Ferrugem e Zaynara, ambos indicados, entram como apresentadores. E há um título a defender: o "Dominguinho vol. 2" tenta repetir o primeiro volume, vencedor da categoria de raízes em 2025 — ano em que Liniker foi a grande destaque da premiação, com três prêmios.

Na quinta, a canção brasileira volta a medir forças com o mundo de língua espanhola, de Rosalía a Karol G, de Mon Laferte a Carín León. O país que inventou a bossa nova chega a Las Vegas com um recado simples: em português, a disputa é quase toda entre brasileiros.

OS BRASILEIROS INDICADOS

CATEGORIAS PRINCIPAIS
Álbum do Ano: Anitta — "Equilibrivm"
Gravação do Ano: Loulu Gilberto — "O Amor nos encontrou"
Canção do Ano: Zanna — "Nilo"
Artista Revelação: Loulu Gilberto, Dora Sanches e Zeca Veloso

MELHOR CANÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA
"Águas de um mar azul" — Urias
"No vento de nós" — Criolo e Amaro Freitas (Brasil) e Dino d'Santiago (Portugal)
"Sua onda" — Marisa Monte
"Viver e morrer de amor na América Latina" — Johnny Hooker e Ney Matogrosso
(sem brasileiros: **"Memória"** — Rosalía, Espanha, e Carminho, Portugal)

POP CONTEMPORÂNEO EM LÍNGUA PORTUGUESA
Anitta — "Equilibrivm"
Ludom — "Ludom" / **Luedji Luna —** "Antes que a terra acabe" / **Jenni Mosello —** "Brava" / **Marina Sena —** "Marinada vol. 01"

ROCK OU MÚSICA ALTERNATIVA EM LÍNGUA PORTUGUESA
Black Pantera — "Resistência! Ao vivo no Circo Voador" / **Chico Chico —** "Let it burn / Deixa arder" / **Detonautas —** "Rádio love nacional" / **Foto em Grupo —** "Foto em grupo" / **Urias —** "Carranca"

MÚSICA URBANA EM LÍNGUA PORTUGUESA
AJulliacosta — "Novo Testamento" / **Budah —** "Frequência lunar" / **Don L —** "Caro Vapor II — qual a forma de pagamento?" / **Emicida —** "Emicida Racional VL 2 — Mesmas cores & mesmos valores" / **Matuto S.A. —** "Terra vermelha: do interior pro interior"

SAMBA/PAGODE
Leci Brandão — "50 anos de carreira" / **Teresa Cristina —** "Jessé — as canções de Zeca Pagodinho" / **Xande de Pilares —** "Nos braços do povo, vol. 2 (ao vivo)" / **Ferrugem** — "Sentimento" / Mosquito — "Quinhão"

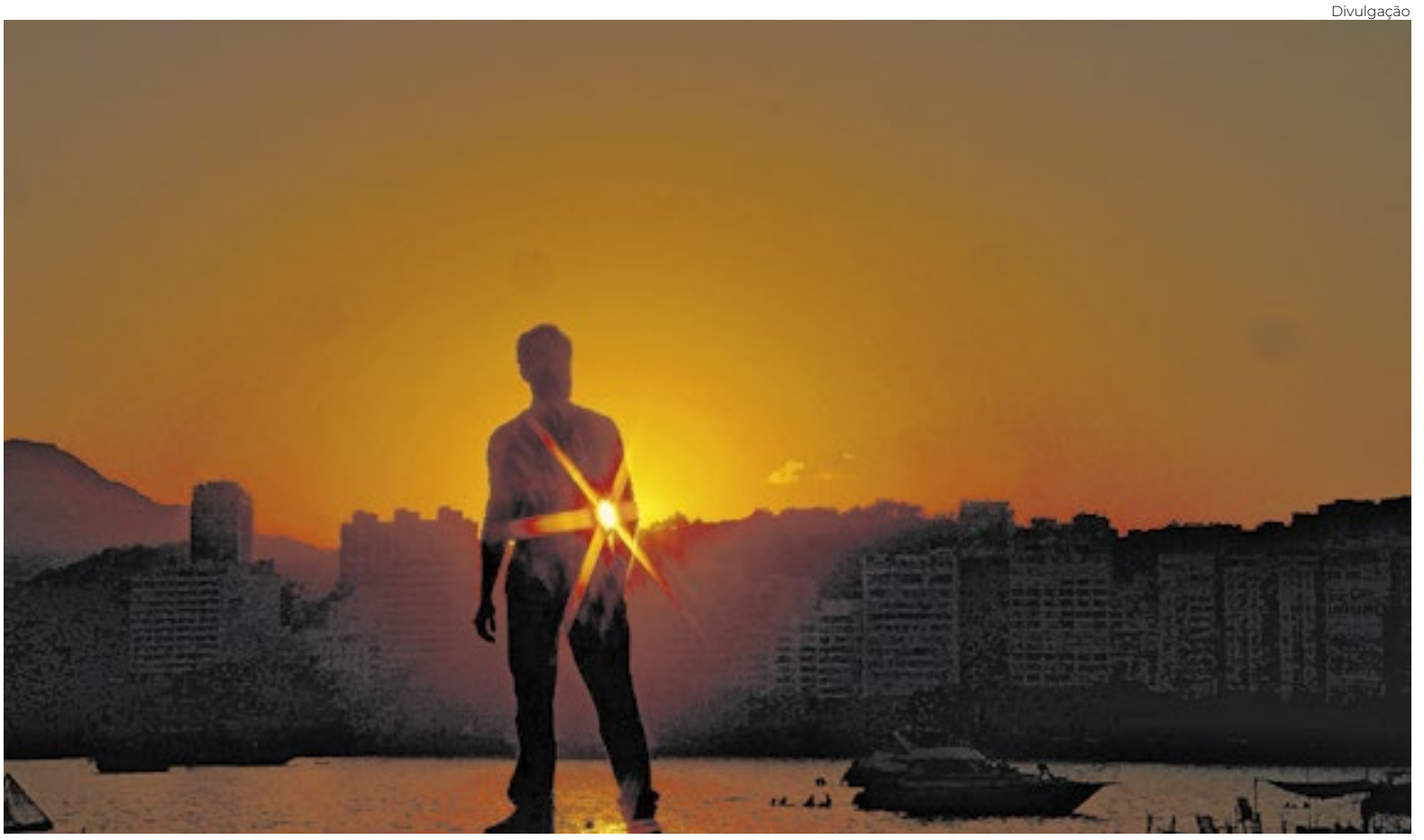
MPB/MÚSICA AFRO-PORTUGUESA BRASILEIRA
Criolo e Amaro Freitas (Brasil) com Dino d'Santiago (Portugal) — "Criolo, Amaro e Dino" / **Pedro Emílio —** "Vende-se lembrança" / **Bia Ferreira —** "Améfrica" / **Zé Ibarra —** "Afim" / **Lenine —** "Eita"

MÚSICA SERTANEJA
Ana Castela — "Fire Arena" / **Simone Mendes —** "Cantando sua história 2 (ao vivo)" / **Lauana Prado —** "Raiz BH (ao vivo/deluxe)" / **Luan Santana —** "Registro histórico (ao vivo)" / **Traia Véia —** "Traia acústico (ao vivo)"

MÚSICA DE RAÍZES EM LÍNGUA PORTUGUESA
Carminho (Portugal) — "Eu vou morrer de amor ou resistir" / **João Gomes, Mestrinho e Jota.pê —** "Dominguinho vol. 2 (ao vivo)" / **Juliana Linhares —** "Até cansar o cansaço" / **Psirico —** "Molho lambão" / **Zaynara —** "Amor perene"

OUTRAS CATEGORIAS
Cantor-Compositor: Djavan — "Improviso"
Instrumental: Yamandú Costa e Hermanos Saboya (Colômbia) — "Peregrino"; Hamilton de Holanda, Salomão Soares e Thiago Rabello — "Nova"; Andréa Ernest Dias, Aline Gonçalves, Eduardo Neves e Carlos Malta — "Obra viva de Hermeto Pascoal — vol. 1: flautas"
Folclórico: Yamandú Costa, Alexis Cárdenas e Ensemble Recoveco — "La quinta esencia"
Jazz Latino/Jazz: Lívia Mattos — "Verve"
Interpretação de Reggaeton: Luísa Sonza e Sofía Reyes (México) — "Uñas afiladas"
Canção Urbana: DJ GU, MC DKZIIN, MC FR da Norte, MC Joãozinho VT, MC Tuto e MC Vine7 — "Relíquia do 2T"
Vídeo Musical em Versão Curta: BK' — "10 anos de Castelos e Ruínas"
Vídeo Musical em Versão Longa: L7nnon — "Guerras invisíveis"
Música para Mídias Visuais: Mateus Alves e Tomaz Alves Souza — "O Agente Secreto (trilha sonora original)"
Música Cristã em Língua Portuguesa: Ziza Fernandes — "Primeiro (ao vivo)"; Thalles Roberto — "Avenida do arrependimento"; Eli Soares — "Betel (ao vivo)"; Verboemcarne — "O que atravessa o peito"; Victin — "Shuv"
Arranjo: Rafael Beck e Felipe Montanaro — "Sonho Inca"; Felipe Salles — "A Deriva (Adrift)"; Teco Cardoso — "Cazadero's March"
Engenharia de Gravação: equipe de "Boas novas" (Zeca Veloso); equipe de "Esgotada" (Tiê); Túlio Airold, Victor Amaral, Pedro Peixoto e Fili Filizzola — "Marco", de Marco Baptista
Compositor do Ano: Jenni Mosello
Produtor do Ano: Julio Raposo

Divulgação



Rodrigo Torrero em cena do clipe da faixa 'Todfos Os Assuntos, destaque de 'Erre', seu primeiro álbum autoral

O erro como possbilidade

Rodrigo Torrero lança o primeiro álbum, "Erre", em show nesta quarta no Acaso Cultural

AFFONSO NUNES
Especial para o Correio da Manhã

É uma letra ou verbo? O título do primeiro álbum de Rodrigo Torrero é uma letra só, mas carrega consigo uma doutrina, um chamamento à espontaneidade. As canções de "Erre" — o disco que chegou às plataformas no último fim de semana - ganham nesta quarta (11), às 20h, o palco do Acaso Cultural. O artista parte da ideia de que errar o caminho e errar pelo caminho podem ser, no fim das contas, a mesma coisa. O cantor e compositor carioca, nome destacado na cena indie da cidade, transforma essa licença em nove canções autorais que falam de amadurecimento, amor, luto e movimento, sempre com o olhar voltado para a beleza escondida no que parece banal.

Entre MPB e rock — ou na novíssima MPB com acenos ao pop, o álbum busca o que Torrero chama de realismo mágico: o cotidiano elevado à condição de encantamento. A produção musical é de Vinicius Castro, e o disco reúne participações de artistas e amigos do círculo afetivo do compositor, entre eles colegas do grupo vocal Consoantes.

Antes do conjunto, seis singles prepararam o terreno desde 2019 — os dois últimos, "Todos os assuntos" e "Mury", anteciparam o clima do álbum. O primeiro veio acompanhado de videoclipe gravado num Rio de Janeiro fora do cartão-postal, dirigido por Vitor Souza Lima; o segundo é parceria com Carol Vanni. Entre as faixas, uma foi composta em memória do cachorro do artista — o luto que o disco anuncia tem endereço afetivo.

O show de lançamento apresenta as nove faixas do álbum mais releituras e outras canções do repertório de Torrero, com direção musical de Diogo Sili e 90 minutos de duração. As participações especiais dividem o palco com o anfitrião: Antonia Medeiros, Carol Vanni e Luciana Lima. É a primeira vez que o repertório de "Erre" é ouvido de ponta a ponta ao vivo.

A carreira de Torrero se construiu no caminho contrário ao atalho: singles e EPs lançados desde 2019, uma cena indie carioca que o reconhece como referência, e só agora o primeiro álbum — feito sem pressa, com a paciência de quem sabe que o erro faz parte do traçado. "Erre" é um convite a errar sem medo, defende o artista.

SERVIÇO
RODRIGO TORRERO — ERRE
Acaso Cultural (Rua Vicente de Sousa, 16, Botafogo). | 11/11, às 20h | Ingressos a partir de partir de R$ 60 e R$ 30 (meia)

A favela em ré maior

A Petrobras Sinfônica interpreta ao vivo a trilha de 'Cidade de Deus' com o filme em tela, nesta quarta e quinta no Teatro Riachuelo

Duas décadas depois de fazer hsitória no cimema brasileiro, "Cidade de Deus" ganha uma nova forma de ser visto: com a trilha sonora tocada ao vivo por uma orquestra sinfônica enquanto o filme de Fernando Meirelles e Kátia Lund corre na tela. O Cine Concerto da Orquestra Petrobras Sinfônica chega ao Teatro Riachuelo Rio nesta quarta e quinta (11 e 12), sempre às 20h, sob regência de Matheus Carneiro. Um um detalhe: os compositores originais da trilha, Antonio Pinto e Ed Côrtes, estarão presentes.

O filme de 2002, indicado a quatro Oscars e consagrado como um dos marcos do cinema brasileiro, deve parte de sua força à música — percussões, cordas e uma tensão que nunca descansa. Ouvir essa trilha interpretada por mais de setenta músicos, no instante exato em que as imagens pedem cada nota, é o que o formato de cine concerto propõe: o filme deixa de ser apenas filmado e passa a ser executado. A concepção e a direção musical são de Anselmo Mancini, nome experiente nesse território de fronteira entre cinema e sala de concerto.

Divulgação/ Humberto Araújo



A Petrobras Sinfônica é conhecida por seus projetos de formar plateias explorando diversas linguagens artísticas

Para a Petrobras Sinfônica, o projeto é também uma porta de entrada. A orquestra, comandada artisticamente pelo maestro Isaac Karabtchevsky — um dos regentes mais respeitados do país —, vem usando séries temáticas para alcançar públicos que não frequentam o repertório clássico, e poucos filmes convocam plateias tão diversas quanto "Cidade de Deus". A trilha de Pinto e Côrtes, que acompanhou a violência e a poesia da Cidade de Deus real e filmada, agora soa no Centro do Rio, a poucos quilômetros das paisagens que inspirou.

A sessão de quarta já tem ingressos quase esgotados nos setores mais baratos. Para quem viu o filme na época do lançamento, é a chance de ouvi-lo de novo; para quem nasceu depois, é uma porta de entrada dupla: no cinema e na orquestra, ao mesmo tempo. **(A. N.)**

SERVIÇO
CINE CONCERTO CIDADE DE DEUS — ORQUESTRA PETROBRAS SINFÔNICA
Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio, 38/40, Centro) | 11 e 12/11, às 20h | Ingressos entre R$ 50 a R$ 150

Singrando **águas** natalinas

Após a marola judicial que quase afogou sua fama, Johnny Depp, o Jack Sparrow, vai buscar redenção em 'Ebenezer', uma versão soturna de Charles Dickens

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Já é Natal na Leader Magazine, como o reclame publicitário mais famoso deste país nos lembra a cada dia, mas também no cinema, graças a um flerte de Johnny Depp com antigos espíritos rondam o nascimento de Jesus a partir da literatura de Charles Dickens (1812-1870). Nesta quinta-feira (12), o astro que singrou a nossa fantasia sob as vestes do Capitão Jack Sparrow, hoje com 63 anos, pode, enfim, retornar em grande estilo ao Panteão de Hollywood depois da fase digna de Idade Média que passou por contra de um combate judicial contra sua ex-mulher, a atriz Amber Heard (da qual não se ouve mais falar).

"Ebenezer" é a mais nova imersão do pop nos parágrafos de "A Christmas Carol" (1843), best-seller mais refilmado da prosa dickensiana. Após uma penca de contratos perdidos, de ser avacalhado em praça pública, mas de não desistir jamais, trabalhando como produtor (em "Crock of Gold") e diretor ("Modì: Três Dias Nas Asas da Loucura", nunca lançado aqui), Depp pode celebrar o Bom Velhinho com a ajuda de um mestre do assombro: o cineasta Ti West.

Desde "Ataque dos Morcegos" (2005), esse americano de Delaware vem construindo uma obra singular, cinéfila, parafraseando e homenageando movimentos e filões (quase sempre de linha B) que marcaram época nas telas. É o caso do western spaghetti, objeto dele em "No Vale da Violência", que brilhou na Netflix, faz pouco. Mas é pelas vias do horror, sobretudo na conexão com o slasher do fim dos anos 1970 e de toda a década de 1980, que ele mais ganhou notoriedade, e melhor talhou sua musculatura narrativa. "O Último Sacramento" (2013) é um dos melhores exemplares de sua lavra autoral. Em seu percurso de diretor autor, ele confeccionou até uma trilogia, com direito a uma diva (Mia Goth, neta da brasileira Maria Gladys): "MaXXXine" (2024), (o magnífico) "Pearl" e "X: A Marca da Morte", ambos de 2022.

A saga começa em 1979, com uma equipe de artistas da indústria pornô que, na busca de fazer um filme numa cidadezinha do interior, deparam-se com o perigo, embora uma de suas estrelas, Maxine Minx (Mia, num colossal desempenho), escape. Só a sequência dela acossada por um crocodilo já basta para tornar essa película um marco do medo. O segundo episódio dessa cinessérie mergulhava no passado daquele mundinho, ali por 1918, a partir dos feitos sanguinários da jovem Pearl. Já o terceiro longa-metragem, mais reflexivo, pontuado por um ritmo de edição envolvente, passa-se em 1985 e traz Minx de volta.

Divulgação



Johnny Depp dá vida ao rabugento Ebenezer Scrooge na releitura de Ti West para o clássico conto de Charles Dickens

Antes de "Ebenezer", Depp fez "A Favorita do Rei", que abriu o Festival de Cannes de 2023, nas mãos da diretora e atriz Maïwenn. Volta agora disposta a ficar, na figura do avarento Ebenezer Scrooge, que já foi interpretado antes por Michael Caine, pelo Tio Patinhas (nos desenhos animados), por Lima Duarte (num especial das aventuras do Didi para a Globo) e por Bill Murray (em "Os Fantasmas Contra-Atacam"). Esse personagem, detestável à primeira vista, é um empresário rico que tem desdém pelo Natal e parece ter transformado a indiferença em princípio de vida.

Na Londres do início da era vitoriana, a trajetória de Scrooge, num 24 de dezembro, é abalada por uma experiência sobrenatural: obrigado a atravessar visões do passado, do presente e do futuro, guiado por espectros zombeteiros, ele se vê diante das escolhas que moldaram sua existência e da possibilidade de conquistar uma segunda chance.

O elenco reúne nomes de diferentes gerações do cinema britânico e internacional. Rupert Grint, conhecido pela franquia "Harry Potter", interpreta Bob Cratchit, funcionário de Scrooge; Ian McKellen, o adorado Gandalf, vive Jacob Marley, antigo sócio do protagonista, já morto; Andrea Riseborough aparece como o Fantasma do Natal Passado; e Tramell Tillman encarna o Fantasma do Natal Presente. Sam Claflin é Fred, sobrinho de Scrooge, enquanto Daisy Ridley, Ellie Bamber, Arthur Conti, Henry Lloyd-Hughes e Charlie Murphy compõem a trupe central. Conti interpreta a versão jovem de Ebenezer, numa narrativa que coloca diferentes momentos da vida do personagem em confronto, revelando aspectos pouco explorados dos escritos de Dickens. Ti opta por uma atmosfera bruxuleante, com toques góticos.

Seu trabalho foi anunciado pela Paramount Pictures em outubro de 2025, com roteiro de Nathaniel Halpern e produção de Emma Watts. As filmagens começaram em janeiro de 2026, com passagens por Londres e Dublin. Na Inglaterra, a equipe também trabalhou no Historic Dockyard Chatham, em Kent, complexo histórico de 80 acres frequentemente utilizado como cenário de produções de época. A fotografia é assinada pelo peruano Checco Varese (da série "Jack Ryan"). A montagem fica por conta do próprio Ti, em parceria com David Kashevaroff.

Depp já tem um plano B para 2027. Volta com o thriller "Sede de Sangue" ("Daydrinker"), de Marc Webb, ao lado de Penélope Cruz.

Jaap Buitendijk/Divulgação



Ti West orienta Johnny Depp no set de filmagens na busca por uma narrativa bruxuleada e gótica

sesc

APRESENTA

festival sesc de cinema

PETRÓPOLIS

NOVOS OLHARES.
NOVAS HISTÓRIAS.
UM NOVO FESTIVAL DE CINEMA.

O Sesc RJ apresenta seu novo festival de cinema. Um espaço para diferentes olhares, histórias e perspectivas ganharem as telas, aproximando realizadores, produtores e públicos.
E você que faz cinema está convidado a fazer parte dessa estreia.

Inscreva-se em
www.sescrio.org.br

INSCREVA SEU FILME
22·10 A 22·11

mostra **Olhar Fluminense**
mostra **Andança**
mostra **Mirada Infanto-juvenil**